



BEM-ESTAR ANIMAL | INFRAESTRUTURAS

PEQUENAS OBRAS COM GRANDES RESULTADOS

Instalações bem pensadas são fundamentais para a saúde, bem-estar e desempenho dos animais. Neste artigo, abordam-se pequenas intervenções em estruturas já existentes que, com baixo custo, podem ter um grande impacto na redução de doenças, no uso de medicamentos e na produtividade.

Por George Stilwell, Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa | Fotos Cedidas pelo autor

Um alojamento adequado que promova a saúde e eleve o bem-estar das espécies pecuárias é um aspecto essencial para garantir uma produção animal sustentável. O aprimoramento das instalações pode, portanto, contribuir decisivamente para a redução da morbilidade e mortalidade, para a redução da necessidade de medicar com antimicrobianos e para a melhoria do bem-estar e desempenho dos animais. Podemos ter dois cenários no caso da concepção das instalações de pecuária – pensar numa construção de raiz ou pensar no aproveitamento ou adaptação de estábulos antigos. Neste artigo vou abordar a segunda hipótese, que continua a ser comum entre muitas das nossas explorações.

PORQUE DEVEMOS PENSAR ANTECIPADAMENTE NOS PROBLEMAS CAUSADOS POR MÁS INSTALAÇÕES?

- 1) porque pode ser difícil e dispendioso voltar a alterar as condições de alojamentos para corrigir erros;
- 2) porque as mudanças que fizermos podem ter um impacto gigante no rendimento;
- 3) porque as condições de alojamento estabelecem frequentemente os limites relativamente ao nível de bem-estar que pode ser alcançado, mesmo quando se optimizam todos os outros factores;
- 4) porque muitos destes animais estarão sujeitos a um erro cometido TODA a sua vida.

Instalações mal concebidas, mal-adaptadas ou mal mantidas, impactam negativamente

de muitas formas a saúde e o bem-estar animal, levando ao aumento de stress, de doenças e reduzindo as oportunidades para expressão dos comportamentos naturais essenciais.

OS ERROS MAIS COMUNS

- Erros de cálculo para o espaço necessário, porque não se levou em conta épocas em que há maior número de partos ou menor escoamento de animais. A sobre-densidade é uma das principais causas de stress, de agressões e traumas, e do estabelecimento de doenças infecciosas. O aumento para o dobro na densidade pode corresponder a 10 vezes mais agentes patogénicos em circulação!
- Erros de cálculo para as necessidades de ventilação e de temperatura/humidade, esquecendo que as condições

climatéricas podem variar muito ao longo do ano. Não se estudam as direcções dos ventos dominantes, as oscilações das temperaturas ou os ângulos de incidência do sol.

• **Menosprezar a necessidade de condições de elevada higiene.** Há um pouco a tendência para achar que, sendo animais que se sujам facilmente e que defecam e urinam perto dos locais onde se deitam e comem, a higiene é apenas um pormenor. Não se pensa na importância do ambiente estar minimamente limpo (principalmente se se tratar de animais jovens) nem nas dificuldades que podem existir em manter o espaço limpo. Esquece-se frequentemente que a maior parte dos agentes que causam doença “escondem-se” no ambiente e nas instalações e nem sempre nos outros animais. Isolar animais um dos outros normalmente não é sinónimo de os isolar dos agentes causadores de doença. É frequente ouvir produtores dizerem que não querem ter vitelos em grupo porque isso aumenta a probabilidade de ocorrerem diarreias, e depois colocarem os vitelos isolados em boxes completamente conspurcadas. É óbvio que o resultado é muito pouco satisfatório.

• **Limitar a expressão de comportamentos inatos e naturais essenciais.** Por exemplo, na construção ou adaptação de um viteiro, esquecer a importância, para o desenvolvimento dos animais, de serem colocados em grupo desde tenra idade. Mais tarde, quando a legislação obrigar a colocá-los em grupo, será necessária nova readaptação. O mesmo para deixarem espaço suficiente para os animais interagirem socialmente ou brincarem, ou pensarem em formas de enriquecimento ambiental (por exemplo, escovas ou rampas e socacos para pequenos ruminantes).

• **Esquecer a iluminação, tão importante para o desenvolvimento equilibrado dos animais jovens.** A iluminação inadequada pode perturbar os ritmos circadianos, impactando negativamente o descanso, o crescimento, a saúde da pele, a recuperação após doenças etc. Os estábulos mais antigos normalmente carecem de uma boa iluminação. A adaptação e modernização destes deve contemplar abrir mais janelas ou remover paredes.

• **Locais para comer e beber que acumulam sujidade e alteram o cheiro e sabor dos alimentos e da água, são também comuns em instalações antigas.** A tendência é mantê-los como



Compartimento de vitelo cujas paredes são caídas entre hospedes



Vitelo que apresenta doença da pele muito provavelmente causada por agentes que se escondem nas paredes sujas e irregulares

estavam porque já antes se via os animais a comer e beber diariamente. Ou seja, supõe-se que nada havia de mal. Mas será que a ingestão não poderia ser maior se o prato e o copo estivessem mais limpos? Será que alguns problemas da exploração não resultam de toxinas que se mantêm “disfarçadas” nestes ambientes?

DUAS OU TRÊS INTERVENÇÕES QUE FAZEM TANTA DIFERENÇA

Nas minhas visitas a explorações com estábulos mais antigos, muitas vezes encontro situações que afectam tremendamente a saúde e o bem-estar dos animais e que se conseguem resolver, ou pelo menos mitigar, através de pequeníssimas intervenções. São pequenas obras que pela simplicidade e baixo investimento muitas vezes são menosprezadas ou negligenciadas pelo produtor que acha que não vai fazer grande diferença. Eis alguns exemplos:

Rebocar e caiar

Em muitas explorações de leite, os vitelos não são tratados como devem ser – esquecemo-nos que são autênticos bebés com um sistema imunitário muito frágil. Muitas vezes, verificamos que são os que vivem nas piores condições e nas instalações com maiores riscos e ameaças. Ou seja, alojamos as vítimas mais débeis mesmo ao lado dos agressores. No top das boas práticas na recria está a manutenção de elevados níveis de higiene, que é imprescindível para manter as ameaças longe das vítimas. Os produtores, muitas vezes, limitam a ideia da higiene aos baldes ou às tetinas, ou, por vezes, às camas, porque são os objectos em contacto mais directo com os vitelos, mas esquecem-se frequentemente das paredes e tectos que envolvem os animais. Os compartimentos individuais modernos são

normalmente feitos de material facilmente lavável e desinfetável, mas muitos viteiros ainda funcionam dentro de edificios antigos. Nestes, as paredes são muitas vezes feitas de blocos de cimento ou de tijolo, sendo que as juntas frequentemente não estão completamente preenchidas e a parede raramente está rebocada, ou quando está, continua a ter o cimento à mostra. Estas são superfícies impossíveis de manter limpas e, ainda mais, de desinfectar. Funcionam como autênticos refúgios e paraísos para uma imensidade de microorganismos (bactérias e fungos) e outros agentes causadores de doenças, como os ácaros da sarna, carraças, piolhos ou pulgas. Também nestes locais pululam ovos e larvas de moscas, que, quando adultas, causam enorme incómodo aos animais, para além de servirem de vectores para agentes patogénicos.

Ou seja, de pouco serve ter baldes e tetinas imaculados, e depois manter dia e noite os tais bebés indefesos nestes ambientes com um enorme potencial infeccioso.

Normalmente a resposta à ocorrência de doenças da pele, pneumonias ou diarreias é tratar os animais com antimicrobianos ou desparasitantes. Muitas vezes, esses animais ficam melhor e adquirem resistências aos agentes responsáveis pelo surto, mas o lote de animais que entra a seguir vai infectar-se e adoecer... e depois o outro lote... e o outro... Isto porque os agentes sobrevivem e mantêm-se nas paredes, nos tectos, nas divisórias... que são autênticas fontes inesgotáveis de agentes patogénicos. No fim, gastaram-se pequenas fortunas em fármacos, estabeleceram-se resistências aos medicamentos e perderam-se alguns animais.

É óbvio que é importante tratar e curar os animais infectados, mas se nada for feito para eliminar as fontes de infecção, a história irá repetir-se.

Tanque de abeberamento de vacas leiteiras que dificilmente conseguirá ser mantido limpo. O cheiro e sabor da água podem ser aversivos para animais com um olfacto muito apurado como são os bovinos



Rebocar as paredes e, depois, caiá-las regularmente são procedimentos tão simples e baratos que custa a compreender porque falham tantas vezes. Alisar as paredes dificulta a aderência da sujidade, elimina os esconderijos e facilita a lavagem, enquanto que a cal, com o seu pH alcalino, não só mata microorganismos que já se encontram na superfície como também torna a superfície num local pouco propício ao desenvolvimento dos organismos. O ambiente torna-se mais saudável... para além de muito mais agradável (a cal, sendo branca, reflecte a luz e torna o espaço muito mais luminoso). Idealmente a caição das paredes deveria ser feita entre lotes ou, no caso da entrada e saída de animais ser constante, a cada 2 ou 3 meses.

Bebedouros de fácil limpeza

Outra situação, frequentemente observada em explorações de ruminantes, quer de leite quer de engorda, são os bebedouros antigos feitos de cimento. Como se compreende, estes são muito difíceis de limpar e, principalmente, de manter limpos por muito tempo. As algas encontram uma superfície ideal para se estabelecerem e a matéria orgânica incrusta-se facilmente na porosidade das paredes. A água, mesmo que tenha um fluxo bom e na sua origem seja limpa, rapidamente fica translúcida e adquire características que lhe conferem odor e paladar desagradáveis (lembrar que os ruminantes têm um olfacto muito mais apurado do que o nosso). Em casos extremos, nestes bebedouros podem desenvolver-se populações de algas tóxicas responsáveis por doenças subclínicas, subproduções ou mesmo morte. Um dos indicadores avaliados pelos protocolos de certificação em bem-estar animal (no critério da qualidade da oferta

de água do protocolo Welfare Quality) é a limpeza do próprio bebedouro, para além da clareza da água. Ou seja, superfícies sujas podem penalizar a classificação. E o pior é que a manutenção destes bebedouros não é nada fácil. Uma adequada limpeza obriga a esvaziar todo o recipiente e a esfregar energeticamente as paredes e o fundo, usando produtos como lixívia numa concentração de 10% (1 parte de lixívia para 9 partes de água). É um trabalho árduo, ingrato e “sol de pouca dura”.

Então o que fazer? Parti-los (atenção que alguns são de enormes dimensões) e substituí-los pelos mais modernos e fáceis de manter limpos, à base de alumínio? Pode ser um investimento proibitivo para algumas explorações.

Há duas formas de se resolver este problema. Mais uma vez, são pequenas obras com pequenos investimentos que garantem um grande retorno e uma grande tranquilidade. A primeira forma, principalmente para os tanques de maiores dimensões, é revestir as paredes com azulejos ou mosaico. São materiais resistentes, com superfície “espelhada” que dificulta a aderência das algas e são de muito fácil limpeza. A outra maneira, mais apropriada a bebedouros mais pequenos, é usar tintas especiais, à base de borracha ou epóxi, para tanques de água ou mesmo tintas para piscinas normais. Muitos destes produtos produzem uma membrana flexível e impermeável que adere a uma variedade de superfícies, incluindo cimento, metal ou mesmo madeira. Normalmente, garantem uma espessa camada protectora sem emendas que enche gretas e irregularidades na parede e fundo, impede a penetração de humidade e resiste à descamação mesmo quando se limpa repetidamente com produtos como a lixívia.

Qualquer uma destas soluções tem a vantagem de não afectar nem o sabor nem o cheiro da água, garantindo que os animais bebem à vontade as quantidades necessárias. E sabemos que quanto mais água um animal beber, maior quantidade de alimento vai ingerir. O consumo de elevadas quantidades de água de qualidade corresponde, portanto, a uma maior produção de leite, a um crescimento mais rápido e a uma melhor saúde do tracto gastro-intestinal.

Corta ventos

Uma outra situação recorrente nalguns viteiros é a falta de protecção contra as correntes de ar. Se a ventilação a menos é muito perigosa e um factor de risco para doença respiratória, a ventilação a mais também não é boa. Isto acontece muitas vezes quando os parques ou pavilhões são construídos sem uma das paredes, exactamente com o objectivo de permitir uma boa circulação de ar. A parede é habitualmente substituída por uma cancela ou grades.

Estes ambientes ventosos e frios (ou mesmo gelados nalgumas zonas) tem um impacto enorme sobre as defesas do tracto respiratório causando irritação da mucosa e destruição do epitélio muco-ciliar, que é o responsável por eliminar aerossóis e microorganismos que tentam aceder ao pulmão. Muitas vezes, a resposta é reforçar o programa vacinal ou administrar antimicrobianos cada vez mais potentes, sem olhar às verdadeiras causas predisponentes. Mais uma vez, umas alterações simples e baratas podem ajudar a resolver o problema. A colocação de fardos de palha ou chapas/lonas a cobrir as partes inferiores das grades ou cancelas, é o suficiente. Desta maneira o ar continua a circular por cima da protecção para o interior dos parques e, sendo frio, a descer para o nível dos vitelos de uma forma passiva. Assim, aquece e renova o ar mais quente que tenderá a subir e sair nas partes mais altas do edifício. Assim, mesmo sem o apoio de ventoinhas, poder-se-á criar uma renovação e uma circulação de ar quase perfeita. De referir que, para que isto funcione será preciso ter e manter sempre abertos os pontos mais altos do edifício (parte de cima das paredes ou, ainda melhor, na cumeeira do telhado). Abrir a zona da cumeeira sem permitir entrada de chuva pode ser uma obra mais complicada, mas é, obviamente, imprescindível. ¶